

# UM OLHAR SINCERO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA SOCIOEDUCAÇÃO

Maria Luiza Silva

Graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Estagiária no Centro de Socioeducação Dom Bosco desde junho de 2023. Tem interesse na temática racial e direitos humanos.

## PONTO DE PARTIDA

**P**Primeiramente gostaria de iniciar o texto com opiniões que são ouvidas quando trago a informação de que sou estagiária de Serviço Social no DEGASE.

Há 1 ano estou cumprindo estágio obrigatório supervisionado no Centro de Socioeducação Aeroporto Dom Bosco, sinto que, ao socializar isso para as pessoas, suas primeiras impressões têm um ar de curiosidade, espanto e preconceito.

Pois pudera! A história dessa instituição é marcada por violência, racismo e punição.

O que é o DEGASE ainda é um grande mito, acompanhado de achismos do senso comum como: “então você trabalha pra bandido?”

Com isso trago reflexões enquanto antes de ser estagiária também sou uma mulher preta favelada que, estando inserida no cotidiano de funcionamento do dia a dia do Centro de Socioeducação Dom Bosco, posso observar de forma crítica como a internação é um lugar que priva corpos que têm, em sua maioria, a mesma cor que o meu.

Além da idade aproximada, sendo eu e os adolescentes pertencentes da mesma juventude negra carioca que, ao mesmo tempo em que percebo que temos vivências geracionais, encontro grandes abismos que nos distanciam.

## JUVENTUDE

Retomando a pergunta de “então você trabalha pra bandido?” Gostaria de afirmar que, na verdade, a assistente social no DEGASE trabalha para o Estado na esfera do Poder Executivo que executa as leis.

Ou seja, a esse adolescente e sua família, antes de entrar no Sistema Socioeducativo, provavelmente, não foi assegurado pelo Estado acesso a direitos básicos para se prover, dado toda intensiva história de desmonte de uma proteção social brasileira esbarrada pelo neoliberalismo, desde a Consti-



tuição Federal de 1988, segundo Yazbek (2001):

São mudanças [...] que vêm sendo implementadas por meio de uma reversão política conservadora, assentada no ideário neoliberal que erodiu as bases do sistema de proteção social [...] Faz parte deste quadro a crônica crise das políticas sociais, seu reordenamento e sua subordinação às políticas de estabilização da economia, com suas restrições aos gastos públicos e sua perspectiva privatizadora ( p.36).

Dessa maneira, a falta de educação, saúde, moradia, alimentação e tantos outros direitos que não alcançaram esse adolescente na sociedade fazem parte de um projeto político do capitalismo.

E, simultaneamente, esse mesmo Estado foi o que garantiu a violência, a incursão policial em seu território, a morte vista de perto, a família ou falta dela não inserida nos usufrutos da riqueza socialmente produzida, ocupando-se em trabalhos informais e fazendo parte da superpopulação de reserva que amarga no desemprego e inseridos nas mais variadas expressões da questão social.

Portanto, antes desse jovem ser um bandido, ele foi uma criança que esteve inserida nos mais variados contextos sociais que o atravessaram e o formaram para que fizesse parte dessa juventude que o capitalismo precisa regular por ser excedente. “Em seu processo de refuncionalização (respondendo às demandas do modo de produção capitalista), o Estado, então, precisa assumir a morte - e suas diversas faces, concreta e/ou simbólica - de forma implícita enquanto política” (Santos, 2019, p.187).

Com o presente exposto, os adolescentes que cumprem Medida Socioeducativa são definidos pelo Estado para viverem uma morte simbólica, conceito utilizado por Anne Caroline Santos, ao se referir particularmente às unidades de internação, e consubstancialmente por fazerem parte da população que é criminalizada pela pobreza.

## PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

Apresentada a breve síntese, a reflexão que faço e refaço a cada atendimento social, grupo em que participo, fala que o adolescente traz, leituras das pastas dos adolescentes, relatórios sociais, plano individual de atendimento e as decisões judiciais referentes à reavaliação da Medida Socioeducativa, observo que o racismo e a criminalização da pobreza, bem como a Guerra

às Drogas, hoje são componentes estruturais para se manter um mesmo perfil de adolescentes que adentram nesse sistema de “mortos-vivos”<sup>1</sup>.

Pois é imprescindível reconhecer que um adolescente em conflito com a lei e conseqüentemente privado de liberdade está sendo afastado da participação social por ser uma potência perigosa para conviver na sociedade.

Acredito que o Sistema Socioeducativo, em comparação com o seu passado, melhorou bastante. Com todos os profissionais que compõem essa instituição, principalmente os que trabalham na ponta da política pública, diretamente com o adolescente.

Porém o DEGASE está longe de ser uma maravilha, pois ele é uma extensão do Estado capitalista e sobretudo punitivo que cria esse próprio efeito colateral de seu sistema, a juventude negra em conflito com a lei.

Logo, como criar e fazer um trabalho para que esse adolescente realmente possa sonhar com uma vida longe da violência, sendo que ele mesmo é constantemente violado pelo Estado?

Com isso enxergo um trabalho bem difícil da assistente social na Socioeducação, primeiro por pensar com o adolescente os planos futuros para a sua liberdade, sendo que a maioria que chega até a internação é reincidente nos atos infracionais.

Creio que, ao trabalhar com alternativas na dimensão pedagógica da profissão, para fortalecer esses jovens a pensar em outros modos de sobreviver nessa máquina de moer gente - dado a tudo que o Estado espera dele - fazendo com que ao menos 1(um) desses jovens que atendemos não retorne ao Sistema Socioeducativo e conseqüentemente prisional, isso pode ser considerado como algo positivo.

E que fique claro que não falo que o serviço social vai “salvar a vida” desses adolescentes mas pode incitá-los a ampliar suas expectativas futuras.



## NOTAS

1. Conceito utilizado por Anne Caroline Santos em “Socioeducação” : do ideal da educação social ao purgatório das vidas matáveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marina Maciel. A dimensão pedagógica do Serviço Social: bases históricoconceituais e expressões particulares na sociedade brasileira. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 79, set. 2004.

SANTOS, Anne Caroline de Almeida. “Socioeducação”: do ideal da educação social ao purgatório das vidas matáveis. *O Social em Questão*, v. 23, n. 46, 2020, p. 187-202.

YASBEK, Maria Carmelita. Pobreza e exclusão social: expressões da questão social no Brasil. *Revista Temporalis*, Brasília, n. 3, p. 9-32, 2001.